

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Dois de Tarde

Class.: P1X - Acampamentos

Data: 10/04/82

Pg.: 684

Ministro vai abrir a Semana do Índio

BRASÍLIA (PT) — Onze anos depois de desembarcar às margens do rio Xingu para, como ministro dos Transportes, inaugurar a estrada Brasília-Manaus (BR-080), que reduziu parte dos limites Norte do Parque Indígena do Xingu, Mário Andreazza volta esta semana ao parque, desta vez como ministro do Interior, para a abertura oficial da Semana do Índio, comemorada em todo o País entre os dias 13 a 19 de abril.

Naquela manhã de sábado, 15 de maio de 1971, o ministro Andreazza desembarcou no acampamento do canteiro de obras da construtora da estrada. Vinte e três aviões o acompanhavam e foi oferecido um churrasco ao qual, entre os convidados, compareceram empresários que começavam a investir na Amazônia. Entre os índios, o cacique Raoni, indignado porque a estrada cortava seu território, a poucos quilômetros da aldeia dos Txukarramãe, no posto indígena do Kretire. Dois ausentes na festa: os sertanistas Orlando e Cláudio Villas-Boas, os construtores do parque.

A festa desta terça-feira vai ser muito diferente. O ministro Andreazza desembarcará no

campo de pouso do Posto Leonardo Villas-Boas, ao Sul do parque, e em seguida assistirá a uma luta de "Hukahuka", muito semelhante ao somô e praticada pelos índios Walapiti, Kamayurá, Kulkuro, Meinakó e Waurá. A festa acontecerá na aldeia dos Walapiti, tendo como principais anfitriões o cacique Kanato e o líder Aritana, também campeão de "Huka-Huka". Na cabeceira da pista, Orlando Villas-Boas receberá o ministro e todos vão fumar o "cachimbo da paz", que, neste caso, representa o fim dos ressentimentos entre o valoroso sertanista e os construtores das estradas.

FESTA

Como sempre acontece nessas ocasiões, o ministro será abraçado por todos os índios que estiverem presentes no campo de pouso. Os xinguanos estarão pintados de urucum e querem conhecer o "Pai-Grande", como alguns índios denominam as autoridades.

Uma caminhada de 1.500 metros separa o campo de pouso da aldeia Walapiti. Lá, depois das lutas (Aritana prometeu desafiar o ministro), Andreazza ouvirá alguns cantos e o som das flautas, sempre presentes nos rituais mais sagrados dos xinguanos. Em seguida, o ministro participará de uma "troca de brindes" e almoçará entre os índios.

Criado em 1961 por decreto do então presidente Jânio Quadros, o Parque Indígena do Xingu abriga dois mil índios de 17 grupos tribais diferentes. São eles os Kalapalo, Kulkuro, Matipu, Walapiti, Kamayurá, Waurá, Nahuaká, Aweti, Kayabi, Taayuna, Juruna, Suyá, Txikao, Trumai, Txukarramãe e Krena-Karore.

Localizado no Município de Barra do Garça (MT), o parque é compreendido geograficamente por um território que abrange a zona dos formadores do Xingu propriamente dito (cabeceiras do Ronuro, do Batovi e do Tuatuari) e a região marginal do Xingu. Toda a região é habitada por grupos tribais pertencentes aos troncos linguísticos Tupi, Jê, Aruak, Karib e Trumai, cujo grupo linguístico é único e falado por cerca de 25 pessoas.

Na área dos formadores do Xingu desenvolveu-se, ao longo dos anos de contato intertribal, o que se convencionou chamar "cultura xinguaná" da área do "Uluri" (cordão que envolve a região pluviana), que inclui os grupos Kalapalo, Kamayurá, Waurá, Meinakó, Nahuaká e Aweti, bem como os extintos Suwa.

Além das tribos da área do Uluri, existem outras que são consideradas marginais como os Txikao, Trumai, Suyá, Juruna e Txukarramãe, do grupo Kaiapó, e ainda os Krena-Karore, levados para o parque em janeiro de 1975, depois de contactados nas margens do rio Peixoto de Azevedo. Os kajabi, que não pertencem à cultura xinguaná, foram levados para dentro do parque depois da atração.

Há, ainda, segundo informações do sertanista Orlando Villas-Boas, vestígios da presença de grupos tribais ainda não contactados na área compreendida pelo parque. Esses índios não-contactados seriam os Agavoguerra, Yarumá, Miahá, Marsaua e Takuxirrai.

Essas diferenças culturais dentro de uma mesma área geográfica atraíram para o Xingu estudiosos e curiosos do mundo inteiro e as tribos do Alto Xingu (Sul do parque) participam de um universo cultural único, vivendo o que os antropólogos costumam chamar de "processo aculturativo de xinguanização", reforçado por festas e cerimônias que incentivam ao mesmo tempo a individualidade de cada grupo tribal, bem como estimulam as relações pacíficas entre as tribos. Algumas destas festas mais importantes são o Quarup, quando choram os seus mortos, e a Yawari.

As festas ocorrem de maneira cíclica e em períodos diferentes, carregando em si elevada dose do espírito mítico coletivo ou representação de poder simbólico, como a festa

do Yamuricumá, o dia em que as mulheres "assumem" o poder tradicionalmente conferido e partilhado apenas pelos homens.

CRISES

Todo esse rico universo também não escapa das crises. As mais recentes ocorreram entre 1976 a 1978, quando mudaram diretores do parque. Orlando Villas-Boas foi substituído pelo antropólogo Olimpio Serra em 1975. Por questões internas, o antropólogo foi afastado da direção do parque e substituído pelo sertanista Apoena Meireles, cuja posse foi tumultuada, sob os protestos dos grupos do Norte e do Sul do parque. Alguns índios chegaram mesmo a ameaçar o sertanista, afirmando que, se ele permanecesse, poderia ser morto.

Hoje, o parque é administrado pelo indígenista Francisco de Assis, que não desfruta da simpatia de alguns grupos. Durante a administração do indígenista o fato mais grave ocorrido foi a crise de coqueluche e sarampo, em julho do ano passado, quando morreram 15 índios no posto do Diauarum, ao Norte do parque. Além disso, em agosto de 1980, os Txukarramãe promoveram um ataque à Fazenda São Luís, matando 11 peões e exigindo a saída dos fazendeiros que vivem nos limites do Xingu.

Nesta terça-feira, porém, todas as crises serão esquecidas. Os xinguanos estão em festa, como há muito tempo não acontecia. Depois de assistir as lutas, danças e ouvir os cantos, o ministro Mário Andreazza voltará a Brasília no mesmo dia, inaugurando a mostra do III Moitará, uma exposição de arte e artesanato indígena.

A exposição, montada no Centro de Convenções de Brasília, tem este ano uma nova característica: os índios Wayana-Apalai, do Parque Indígena do Tumucumaque, montaram uma maloca no mesmo estilo das usadas por esse grupo.